

Resenha

POLITIS, H. 2005. *Kierkegaard en France au XXe. siècle: archéologie d'une reception*. Paris, Éditions Kimé, 275 p.

O livro de Hélène Politis, professora da Universidade de Paris I (Panthéon-Sorbonne), já deveria estar publicado há mais tempo, não só por representar a primeira parte de sua tese (premiada, 1.735 páginas!) de Doutorado de Estado, de 1993, sobre *O discurso filosófico segundo Kierkegaard*, mas também por sua enorme relevância.

O título e o subtítulo são bem específicos: a autora acompanha as marchas e contramarchas desse filósofo e escritor dinamarquês pelos caminhos das traduções e interpretações ocorridas na França ao longo do século que findou há pouco. Ora, este período não é aleatório, nem de pouca monta, nem de significação apenas regional, uma vez que Kierkegaard foi quase desconhecido, fora da Dinamarca, na segunda metade do século XIX e no século XX foi sendo apresentado ao mundo principalmente através das traduções francesas e alemãs.

No Brasil, ele não apenas foi lido geralmente em francês, mas foi traduzido desta língua, quase sempre. Até os melhores pensadores, como Alceu de Amoroso Lima, apoiaram-se no francês (e no alemão), para chegar a um juízo crítico sobre sua obra. (Ver, de Alceu, *O existencialismo*.) Mesmo bons escritores, como o poeta português Adolfo Casaes Monteiro, ao traduzir Kierkegaard (v. *O desespero humano*), o fizeram a partir do francês, com todas as seqüelas que daí decorrem. (A respeito deste último título, aliás, Politis pergunta por que não chamar então *A doença para a morte* de *Tratado da esperança*...) Enfim, também as 400 importantes páginas dos *Textos selecionados* por Ernani Reichmann devem muito às traduções de Tisseau.

Hélène Politis conhece profunda e detalhadamente o pensador dinamarquês, a quem estudou, obviamente, no idioma dinamarquês, e segue a tese de que Kierkegaard foi importante como um filósofo, no melhor sentido da palavra. Analisou, para tanto, sua teoria e sua prática do discurso filosófico. Começa, então, nesta parte agora publicada de sua tese, por mostrar o que a recepção fez de Kierkegaard no mundo da cultura francesa.

Na primeira parte do livro, intitulada "Interpretações literárias: Kierkegaard personagem de Ibsen ou herói shakespeariano", Politis analisa como os primeiros leitores de Kierkegaard, em França, eram tentados a vê-lo e imaginá-lo a partir do personagem Brand, de Ibsen, e mostra como esta lenda se formou e se espalhou. A seguir, acompanhando André de Bellessort e Denis de Rougemont, descreve o perfil hamletiano que também serviu para configurar a imagem inicial do pensador dinamarquês. O capítulo III desta primeira parte enfrenta a questão clássica de saber até que ponto Kierkegaard faz "confissão ou ficção", em seus textos mais romaneados, especialmente naqueles que tratam da melancolia, entre os quais a biografia de J. Climacus (*É preciso duvidar de tudo*) e o livro dos *Papéis de alguém que ainda vive*, de 1838. Trata de mostrar que no fundo e em verdade a obra interessa-nos bem mais do que qualquer interpretação psicológica voltada para o autor.

A segunda parte trata das "Interpretações pretensamente filosóficas: o absurdo, o concreto, a existência", descrevendo as apropriações feitas por Chestov,

Camus, Jean Wahl, Gabriel Marcel, Jean Paul Sartre e Henri Lefebvre, os comentadores que dominaram a cena francesa até os anos 1960 e se caracterizam por colocar as intuições e algumas páginas do pensador dinamarquês a serviço de suas próprias filosofias ou eventualmente obras literárias. Há muito pouco, porém, de Kierkegaard nessas interpretações, comparando com a imposição a ele das idéias e intuições desses intelectuais franceses.

A respeito de Jean Wahl seria preciso fazer talvez uma pequena ressalva: que este conhecia e divulgava em França tudo aquilo que os alemães haviam dito de Kierkegaard. No entanto, pensadores como Sartre, embora se refiram inúmeras vezes a ele, trabalham em geral com chavões, como, por exemplo, o de que o cristão Kierkegaard opunha ao sistema racionalista hegeliano apenas a sua própria individualidade singular, nua e crua, com sua recusa a se deixar sistematizar e superar. Tais repetições reforçam a impressão, falsa, de que o pensador dinamarquês não trabalhava com um bem travado aparato conceitual, no nível dos melhores filósofos. O que daí resulta é um filósofo do século XIX posto a serviço das idéias dos intelectuais da França do século XX. Nenhum desses se esforça por perceber a lógica própria, recorrente nas diversas obras, conhecidas uma a uma e em sua unidade sinfônica, na polifonia dos pseudônimos e das obras assinadas. Para que se dar um trabalho tão estafante, se todo o mundo sabe quem foi Kierkegaard e o que ele representou na cena filosófica e cultural, mesmo sem lê-lo?

Na terceira parte do livro, Hélène Politis nos propõe “remontar à origem do ‘mal-entendido’ procedendo à arqueologia de uma arqueologia”. Retorna então aos antigos críticos Georg Brandes e Harald Høffding, para analisar explicitamente o tipo de interpretação que cada um deles deu do pensador dinamarquês. A seguir enfrenta a questão, “espinhosa”, das traduções francesas, mostrando inclusive as flutuações ocorridas na versão de certos termos até na melhor das traduções (a de Paul-Henri Tisseau e de sua filha, bilingüe, mas não filósofa, Else-Marie Jacquet-Tisseau, nas meritórias *Oeuvres complètes*, das Éditions de l’Orante). Um caso especial é o conceito “*Sædelighed*”, traduzido de múltiplas e oscilantes maneiras em obras essenciais como *Le concept d’ironie*. Mas os tradutores anteriores, como Ferlov e Gateau, ficam numa situação ainda pior, pois, ao invés de traduzirem, interpretam e alteram o sentido de certas frases, para que o resultado corresponda às ideologias reinantes ou à imagem tradicional do autor, psicológica ou existencialista, enfim, romanceada.

Politis conclui seu livro (socraticamente?) com uma questão: será que Kierkegaard já está indo para o museu da cultura francesa? Apesar da enorme vantagem dos franceses de já contarem, desde os anos 60 e 70 do século XX, com os 20 volumes das Obras Completas, além dos cinco volumes mais antigos de excertos dos *Journals* (como decidiram chamar os *Papirer*, os quais incluem sabidamente muito mais do que algo assim como um “diário íntimo”), a proposta que já Henri-Bernard Vergote (professor de Strasbourg, depois Toulouse, e autor de *Sens et répétition*) fazia, duas décadas atrás, de “ler Kierkegaard”, e lê-lo como um todo, escutando o que este irônico autor tinha a dizer, ainda não encontrou uma resposta bem adequada, nas terras francesas, embora o nível da pesquisa por lá já esteja muito mais adiantado do que em outros países. Não obstante, ainda predominam aqueles autores que retiram uma ou outra idéia, agarrada no ar, de sua obra e procuram fazer dele qualquer coisa de arbitrária.

Seja como for, após a morte de Vergote, certamente um dos melhores intérpretes desse pensador dinamarquês, Hélène Politis parece estar destinada a produzir muito fruto no mundo que lê francês, em especial quando forem publicadas as outras partes de sua monumental tese de Doutorado de Estado.

Alvaro L. M. Valls

Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNISINOS

alvalls@portoweb.com.br